

**“If that would remove the pitiless look from his eyes”:  
Vetores afetivos no conto “My Son the Fanatic”**

**“If that would remove the pitiless look from his eyes”:  
Affective Vectors in the short story “My Son the Fanatic”**

**Dionei Mathias<sup>1</sup>**

**RESUMO:** O conto “My Son the Fanatic” faz parte da coletânea *Love in a Blue Time*, publicada em 1997 por Hanif Kureishi. O escritor nasceu em 1957 em Londres e vem publicando romances, peças teatrais, roteiros e contos desde 1980. Com uma história de imigração na própria família, o tema dos fluxos migratórios e seu impacto para a construção de identidade tem um papel importante na obra do autor britânico, especialmente em seus dois primeiros romances: *The Buddha of Suburbia* (1990) e *The Black Album* (1995), nos quais os protagonistas constroem suas identidades a partir de um entre-lugar de culturas. No conto a ser discutido neste artigo, esse tema volta a ser abordado, aqui com outro foco, a saber, o envolvimento desses atores, sociais divididos entres as culturas, com o fundamentalismo. Nesse sentido, este artigo pretende discutir o modo como esse pensamento radical se estabelece, seguido de uma alteração na administração afetiva. Assim, esta discussão aborda primeiramente como esse deslocamento do investimento afetivo se dá no contexto familiar e passa, num segundo passo, a refletir sobre seu papel na infiltração de pensamentos radicais na concepção de identidade do protagonista. O conto não oferece respostas, ele, contudo, mostra o papel central nos afetos nessa configuração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hanif Kureishi; *Love in a Blue Time*; *My son the Fanatic*; vetores afetivos; identidade; pertencimento.

**ABSTRACT:** The short story “My Son the Fanatic” belongs to the collection *Love in a Blue Time*, published in 1997 by Hanif Kureishi. The writer was born in 1957, in London, and has been publishing novels, plays, screenplays and short stories since 1980. With a history of immigration in his own family, the subject of migratory flows and their impact on identity constructions plays an important role in his work, specially, in his first two novels: *The Buddha of Suburbia* (1990) and *The Black Album* (1995), in which the main characters build their identities based on an in-between position of cultures. In the short story, dealt with in this article, this topic is tackled again, here with another focus, namely, the engagement of these social actors divided between cultures with fundamentalism. In this sense, this contribution aims to discuss the way this radical thought establishes itself, followed by an alteration of the affective household. Thus, this discussion, at first, tries to think how this displacement of affective investments occurs in the family context and goes on, in a second step, to reflect about its role in the infiltration of radical thoughts in the main character’s identity conception. The short story does not offer answers, but it shows the pivotal role of affects in this configuration.

**KEYWORDS:** Hanif Kureishi; *Love in a Blue Time*; *My son the Fanatic*; affective vectors; identity; belongingness.

## **Introdução**

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo e pela Universidade Federal do Paraná. Atua na linha de pesquisa Literatura, comparatismo e crítica social, Universidade Federal de Santa Maria. Email: dioneimathias@gmail.com

O conto “My son the fanatic” faz parte da coletânea *Love in a Blue Time*, publicada em 1997, por Hanif Kureishi. A coletânea reúne uma série de contos que abordam a presença de atores sociais, com uma história de imigração, na Grã-Bretanha. Neste caso, trata-se de imigrantes oriundos da região do Paquistão. O conto a ser discutido aqui, “Meu filho o fanático”, encena um aspecto da vida contemporânea que tem preocupado muito a Hanif Kureishi: a infiltração do pensamento radical na vida cotidiana. Já no romance, *The Black Album*, ele havia encenado o envolvimento do protagonista Shahid Hasan com representantes de minorias culturais, à procura de alternativas para suas construções de identidade. Naquele romance, o protagonista oscila entre as diversas ofertas, com as quais é confrontado, mas acaba optando por uma concretização existencial pautada pelo princípios da tolerância e do respeito, ao contrário de seus amigos que radicalizam suas ações (MATHIAS, 2011).

Diante da recorrente prática de exclusão vivida na sociedade britânica, muitos desses atores voltam sua atenção para outras formas de pertencimento, produzindo enfeixamentos sociais que buscam homogeneizar a herança cultural e defendê-la, em sendo necessário, ao preço da violência. O que está no cerne dessas diferentes formas de administrar os discursos culturais e as interações parece ser a dinâmica afetiva. São os vetores afetivos que definem, de certo modo, por quais caminhos cada ator social vai trilhar, a fim de buscar seu pertencimento e, com isso, a base para a narrativa de sua identidade pessoal.

O primeiro círculo social onde essa dinâmica afetiva é treinada e condicionada é próprio seio familiar. No processo de socialização, pelo qual cada criança passa junto à família, ela aprende a enxergar determinados excertos da realidade e atribuir valores a elementos específicos, os quais têm alguma importância na configuração hierárquica existente na família (BARBALET, 1998). Nesse exercício de visão do círculo de interação, todo ator social acaba por investir energias físico-anímicas com uma coloração afetiva, seja ela positiva no sentido da construção e coesão de formatações sociais, ou no sentido negativo da destruição e incoerência, criando interações marcadas por polarizações e hostilidade. Isto é, dentro do círculo familiar como microcosmo social, cada membro aprende a gerenciar seus afetos, recebendo de seus interlocutores orientações que vão direcionar o modo como eles devem ser enfeixados (HÜLSHOFF, 2006). Assim, o desencadeamento de afetos negativos sinaliza à criança que esse comportamento

precisa contar com sanções afetivas, enquanto ações que despertam reações positivas tendem a ser repetidas, a fim de recriar atmosferas de afirmação existencial.

Nisso, a concessão de atenção tem um impacto central, pois ela parece representar o início de qualquer enfeixamento afetivo. Ao dar início a uma dinâmica de interação social, todo sujeito investe atenção, em maior ou menor grau, aos sentidos emitidos pelo interlocutor. Desse investimento, surge um conhecimento mais aprofundado sobre a forma como o parceiro interpreta a realidade e tece redes de sentido que vão nortear suas ações. O investimento afetivo, portanto, apresenta dois vetores importantes: por um lado a canalização de afetos cria malhas de sentidos, isto é, não há direcionamento afetivo àquilo que é indiferente ao sujeito ou não lhe agrega conteúdo de sentido. Por outro lado, o enfeixamento dos afetos também é responsável pelo processo de decodificação, isto é, não existe acesso ao sentido, sem que o sujeito invista um mínimo de sua energia de percepção, mesmo sendo de modo inconsciente. Nessa leitura, os afetos se encontram nos dois extremos da comunicação, ou seja, tanto no princípio da emissão como no processo de recepção, gerando sentidos que de algum modo contém alguma coloração afetiva por mínima que seja.

Do investimento de atenção à criação de unidades mínimas de sentidos, começam a surgir as redes de significados que vão nortear tanto o processo de interpretação de realidade, como posteriormente também as tessituras da construção de identidade (VOSS, 2004). Nesses dois eixos, a família tem um primeiro impacto, pois acompanha muito proximamente a formação do instrumentário adquirido pela criança, para administrar seus afetos. Num segundo passo, com a abertura dos círculos nos quais a criança transita, esta é confrontada com outras formas de canalizar os afetos e instaurar sentidos. Nesse novo espaço de socialização, o ator social vai conhecendo a diversidade de narrativas de identidade e modo como estas são concatenadas por meio da coesão afetiva. No confronto com essas modalidades, adota segmentos e estratégias de articulação do si que, por vezes, divergem completamente daqueles vivenciados no contexto familiar.

Com isso, instauram-se também outras modalidades de pertencimento. Se na primeira fase, esta se restringia, sobretudo, ao círculo familiar e seus valores, no momento em que esse ator social conhece outros agrupamentos, ele também cria novos laços afetivos (FLAM, 2002). Estes, por sua vez, seus valores específicos no que tange

ao modo como a realidade, as malhas culturais, o próprio deve ser organizado. Nessa interseção, volta a imperar o princípio que já existia na família, isto é, a dinâmica da atenção, com seus enfeixamentos de afetos e criações de sentidos.

Sem entrar na questão política, o fenômeno do fundamentalismo parece estar relacionado a uma forma específica de organizar os afetos. A interpretação de realidade, a narração da identidade e a própria dinâmica de pertencimentos estão estreitamente relacionados ao princípio de fidelidade às práticas de ação e comportamento do grupo. Isto é, a participação de qualquer ator social de um determinado grupo está condicionada à aceitação dos valores que imperam naquela formação social. Em alguns grupos, há possibilidade de questionamentos e revisões, permitindo, portanto, uma ampliação das tessituras que compõem a identidade de grupo, em outros não. Este parece ser o caso de agrupamentos fundamentalistas, os quais exigem submissão e obediência absolutas aos valores que norteiam suas ações.

Nesse sentido, este artigo deseja discutir o papel dos afetos na constituição da realidade diegética do conto a partir de dois fenômenos: a interação social na família e os valores negociados nesse círculo social e, na sequência, a infiltração do pensamento fundamentalista radical na construção de identidade do jovem protagonista. Nisso, o conto encena o deslocamento da lógica de pertencimento, com suas malhas de valores, colocando, neste caso, o pai diante de uma administração de sentidos completamente distante daquilo que representa sua realidade pessoal. Nesse enfrentamento, pai e filho precisam negociar os sentidos, mas também as modalidades a serem aplicadas em suas interações.

## **1. Dinâmicas afetivas no círculo familiar**

O jovem Ali, filho do motorista de táxi, Parvez, que deixa o Paquistão para tentar a vida na Inglaterra, trilha, antes do início da ação na realidade diegética, um caminho sem grandes desvios. Como muitos outros jovens do espaço social em que circula, ele frequenta a universidade, tem uma namorada, se interessa por jogos e roupas descoladas. O mesmo vale para o pai, o qual, como muitos outros imigrantes da primeira geração, trabalha arduamente para ter sucesso no novo país, depositando no filho suas esperanças para o futuro. A partir desses indícios de rememoração no presente diegético,

surge a imagem de uma constelação familiar relativamente sólida, com laços afetivos tecidos a partir de valores comuns. Os projetos de identidade que cada um deles persegue estão sintonizados, reforçando a afirmação mútua.

O presente diegético, contudo, inicia com uma ruptura. O pai começa a enxergar mudanças, as quais, num primeiro momento, ainda não permitem a suposição de qualquer aproximação a um pensamento radical:

Furtivamente o pai começou a ir ao quarto do filho. Lá ficava sentado por horas, despertando-se somente para procurar pistas. O que o deixava confuso era que Ali estava ficando mais ordeiro. No lugar do caos habitual de roupas, livros, tacos de críquete, jogos de videogame, o quarto estava ficando organizado e arrumado; espaços começavam a aparecer, onde antes só houvera bagunça (KUREISHI, 1997, p. 119)<sup>2</sup>.

O conto começa com uma mudança no modo como o pai organiza seus afetos. Esta se dá, nesse primeiro passo, no deslocamento do foco de atenção, abandonando uma configuração de confiança plena, marcada pela ausência explícita de preocupação e medo, para reorganizar o crivo de percepção e rever o lugar do filho nessa constelação. Essa alteração no modo de enxergar o filho não se dá de forma explícita, com o envolvimento do filho nesse processo. Nesse primeiro momento, o pai busca primeiramente se apropriar de algum conhecimento que lhe permita confrontar o filho e incitá-lo a se posicionar no horizonte de valores perseguido por ele.

A mudança que desperta a atenção e, com isso, o empenho afetivo, reside no modo como o filho administra seu espaço privado, um espaço que, justamente por ser íntimo, tem um alto potencial semiótico no que diz respeito ao projeto de identidade empreendido por aquele que instaura os sentidos naquelas coordenadas. De um quarto desordenado, caracterizado por uma quantidade significativa de produtos culturais que permitem empreender diálogos, passa a ser um lugar facilmente apreensível, com sua redução a um mínimo no que diz respeito a narrativas culturais. A configuração do espaço

---

<sup>2</sup> "Surreptitiously the father began going into the son's bedroom. He would sit there for hours, rousing himself only to seek clues. What bewildered him was that Ali was getting tidier. Instead of the usual tangle of clothes, books, cricket bats, video games, the room was becoming neat and ordered; spaces began appearing where before there had been only mess" (KUREISHI, 1997, p. 119). Onde não indicado de outra forma, as traduções são do autor deste artigo.

definitivamente revela a mudança no rumo da identidade. Afetivamente, houve um deslocamento nas afiliações e, com isso, na sensação de pertencimento.

Até aquele momento o pertencimento está configurado de forma diversificada e complexa. A identificação com os vários produtos culturais e com as ofertas de concretização identitária existentes naquele espaço cultural permite uma negociação de sentidos com diversos atores sociais, sem limitações ou reduções a uma única forma de enxergar a realidade. Roupas, videogames, objetos esportivos ou mesmo o relacionamento com a namorada britânica, mencionado pelo pai na sequência da citação, sugerem que o enfeixamento afetivo que baseia sua identidade está voltado para os valores predominantes no contexto da sociedade inglesa.

A eliminação de todas essas plataformas semióticas, com sua redução de sentidos, parece acompanhar a mudança na lógica de pertencimento. Se antes se sentia mais próximo à cultura jovem inglesa, agora passa a se identificar com as minorias étnicas e religiosas, aqui de cunho radical, que se contrapõem como alternativa, oferecendo uma única narrativa. A redução da quantidade de objetos no quarto reflete, de certo modo, a redução da oferta de narrativas identitárias e, com isso, da ramificação de pertencimentos. Enquanto o filho já empreendeu esse deslocamento na administração afetiva, enfeixando suas energias em direção a um novo pertencimento, o pai ainda não participa dessa narrativa. Sua atenção aumentada aos hábitos do filho, além de indicar um claro desejo de participação na concretização existencial desse jovem, também tem uma papel substancial no esforço de compreender a situação e reordenar a realidade, a fim de poder agir apropriadamente como figura paterna.

Com base nessa nova percepção, o pai começa a pensar em formas para encontrar ajuda, especialmente por conta do medo de que o filho esteja se afastando do caminho da construção de um futuro pautado pela ética protestante do êxito, o que o envergonharia diante da comunidade de imigrantes, cujos valores estão empenhados na narrativa do sucesso. Essa vergonha, de certo modo, o faz hesitar em procurar o conselho dos companheiros de trabalho, preferindo conversar com a prostituta Bettina, a qual transporta em seu táxi com alguma frequência, formando um vínculo social de respeito. Com ela, ele se sente suficientemente à vontade para discutir essa situação e pensar em prováveis causas para o comportamento do filho.

Vale ressaltar que, no processo desencadeado pela atenção aumentada até a procura de ajuda na interpretação de realidade e subsequente tomada de decisão referente à concretização de ações, o pai precisa enfeixar seus afetos em diferentes momentos, a fim de chegar ao ponto de dar início à alteração da configuração interacional entre ele e seu filho. A iniciativa de conversar com o filho, portanto, tem o objetivo de obter informações sobre sua situação, mas o foco central implícito a toda conversa é o desejo de reconstruir uma atmosfera afetiva:

Parvez decidiu tirar uma noite de folga e sair com o garoto. Eles podiam falar sobre as coisas. Ele queria ouvir como estava andando a faculdade; ele queria lhe contar histórias sobre a família deles no Paquistão. Mais que qualquer outra coisa, ele ansiava por entender como Ali descobriu a 'dimensão espiritual', como Bettina descreveu isso (KUREISHI, 1997, p. 123)<sup>3</sup>.

Todo o ritual que acompanha essa conversa marcada com o filho está perpassada de tentativas de recuperá-lo para um enfeixamento afetivo e uma tessitura de pertencimento compartilhados. A busca por informações sobre os acontecimentos cotidianos na faculdade, o desejo de inseri-lo na história da família e o esforço de reconstruir a gênese do deslocamento de pertencimento representam três eixos acionais, os quais têm em comum um empenho afetivo de restaurar uma configuração em que todos os atores sociais envolvidos nessa situação voltem a partir de uma base comum de valores que norteiem a construção de identidade. Nesse momento, o pai ainda não tem ideia do grau de seriedade investido pelo filho, por isso ainda se utiliza de tom certamente irônico, ao mencionar a questão religiosa. A conversa vai mostrar até que ponto os afetos do filho já estão canalizados em nome desse novo pertencimento.

## **2. Infiltrações de pensamentos radicais**

Ao contrário dos afetos positivos, desejosos de construir um tessitura coesa e construtiva, a energia afetiva do filho está caracterizada por uma atitude de hostilidade e intenso questionamento de todos os valores adotados pela figura paterna. Na verdade, Ali

---

<sup>3</sup> "Parvez decided to take a night off and go out with the boy. They could talk things over. He wanted to hear how things were going at college; he wanted to tell him stories about their family in Pakistan. More than anything he yearned to understand how Ali had discovered the 'spiritual dimension', as Bettina described it" (KUREISHI, 1997, p. 123).

começa a construir uma rede de oposição, polarizando as construções de identidade adotadas por cada um deles:

‘Quando eu tive tempo de ser malvado?’ ele perguntou a Ali.

Em voz baixa e monótona, o rapaz explicou que Parvez não viveu, de fato, uma vida boa. Ele quebrou inúmeras regras do Alcorão.

‘Por exemplo?’ Parvez perguntou.

Ali não precisara de tempo para pensar. Como se tivesse esperado por esse momento, ele perguntou a seu pai se ele não gostava de empadão de porco?

[...]

Ali então lembrou a Parvez que ele mandara sua própria esposa preparar salsichas de porco, dizendo a ela ‘Você não está mais no vilarejo agora, isto é a Inglaterra. A gente precisa seguir os costumes!’ (KUREISHI, 1997, p. 125)<sup>4</sup>.

A conversa, cujo objetivo era reconstruir a malha afetiva fragilizada por conta do afastamento, acaba se tornando um acerto de contas. De fato, Ali confronta o pai com uma visão de mundo e com práticas de comportamento, às quais a família não atribui mais valor. Essas práticas não são completamente estranhas, uma vez que pertencem ao conjunto de normas de socialização da cultura de origem dos pais. Contudo, Parvez as abandona, até certo ponto, ao chegar na Inglaterra, especialmente porque não consegue derivar sentido delas.

Como representante da primeira geração de imigrantes, Parvez interpreta a mudança para a Inglaterra como grande chance de se desfazer de narrativas de concepção de realidade que não deseja para si. Nesse movimento, ele não perde realmente uma constelação afetiva que lhe era essencialmente importante. Pelo contrário, ele se insere num espaço onde tem maior liberdade de concretizar sua afetividade segundo suas próprias concepções de mundo.

Ali, por sua vez, como membro da segunda geração, está confrontado com um problema típico dos filhos de imigrantes, a saber, o dilema do pertencimento. O conto não problematiza isso de forma explícita, mas Kureishi tem diversos textos com personagens marcados pela condição do “in-between”, um lugar entre as culturas, cuja ambivalência e cujo potencial de subversão não é somente positivo. Ao mesmo tempo que permite um

---

<sup>4</sup> “‘When have I had time to be wicked?’ he asked Ali.

In a low monotonous voice the boy explained that Parvez had not, in fact, lived a good life. He had broken countless rules of the Koran.

‘For instance?’ Parvez demanded.

Ali hadn’t needed time to think. As if he had been waiting for this moment, he asked his father if he didn’t relish pork pies?

[...]

Ali then reminded Parvez that he had ordered his own wife to cook pork sausages, saying to her, ‘You’re not in the village now, this is England. We have to fit in!’” (KUREISHI, 1997, p. 125).

grande potencial de criticidade, o entre-lugar também representa um espaço de indefinição afetiva, especialmente no que toca à questão do pertencimento. Ali parece justamente estar marcado por essa condição, isto é, ele se vê incapaz de encontrar um lugar de fala legitimado – entendido aqui como afetivamente aceitável para ele – de onde possa se articular e com qual consiga se identificar, a fim de construir uma narrativa de identidade própria e autônoma.

Ao não encontrar um lugar de fala no espaço inglês, sua estratégia passa a procurar alternativas na volta às origens. Nisso, contudo, há um movimento de essencialização dos elementos que formam essa narrativa cultural, ou seja, Ali não imagina e adota esses signos culturais como algo que deva passar por atualizações em processos de negociação. Pelo contrário, ele os entende como algo sólido e inquestionável a ser seguido à risca. Ao contrário dos pais, no entanto, ele não tem qualquer experiência com essa cultura de origem e seus potenciais de sufocamento de identidade. Na verdade, ele imagina e idealiza algo que não conhece, utilizando essa narrativa como normativa de existencial.

Radical, esse comportamento se torna no momento em que não aceita mais a diversidade de identidades, defendendo que sua visão de mundo é a única realmente válida e a ser seguida. Diante dessa convicção, ele coloca o pai contra a parede e o confronta com as infrações cometidas, segundo essa visão de mundo. Nesse movimento, há uma disposição afetiva marcada por um alto grau de hostilidade. O que Ali parece experimentar é desprezo, em parte, também ódio pela construção de identidade adotada pelo pai. O ódio parece se materializar especialmente, ao final da passagem, quando recrimina o pai por induzir a esposa a adotar costumes locais em nome da integração, renunciando, segundo Ali, a suas origens e ao caminho certo de concretização existencial. A disposição afetiva que desponta a partir dessa conversa, contudo, não é algo que resulta do momento, representando uma oscilação momentânea. Fica claro que ela é fruto de todo um processo de revisão da narrativa pessoal, da interpretação de realidade e do posicionamento nas coordenadas da fala naquele espaço social.

A sistematicidade e, sobretudo, a continuidade dessa configuração afetiva sugerem um trabalho de enfeixamento afetivo. A partir da perspectiva da figura paterna, a voz narrativa informa: “Ali soava como se tivesse engolido a voz de outra pessoa” (KUREISHI,

1997, p. 126)<sup>5</sup>. O conto não chega a problematizar a presença desses outros membros, com os quais Ali passa a se identificar, mas essa personagem revela a internalização de um conjunto de pensamentos que não tiveram sua origem a partir de um trabalho intelectual próprio. Ao lado da internalização de pensamentos, fica claro que houve também um deslocamento na configuração de investimento afetivo, isto é, do cerne familiar com seus valores voltados para as práticas do grupo hegemônico inglês para os valores representados por minorias religiosas que interpretam o legado cultural dos pais de forma absoluta, sem muita abertura para o diálogo.

No início do conto, o desprezo de Ali ainda é contido, em grande parte, tácito. Com o desenvolvimento do enredo, ele passa a ser explícito, adotando comportamentos hostis, na interação com o pai. Ademais, ele também passa a expressar ideias radicais sobre todo o contexto social, em que transita:

Ali se dirigia a seu pai de forma fluente, como se Parvez fosse uma multidão turbulenta que tinha que ser acalmada e convencida. A Lei do Islã dominaria o mundo; a pele do infiel queimaria repetidamente; judeus e cristãos seriam derrotados. O Ocidente era uma cova de hipócritas, adúlteros, homossexuais, drogados e prostitutas (KUREISHI, 1997, p. 126)<sup>6</sup>.

O conteúdo das ideias indica, primeiramente, uma visão de mundo que interpreta a realidade a partir de oposições, polarizando os pertencimentos. Não há um esforço afetivo de construir um espaço compartilhado. Pelo contrário, os pertencimentos são excludentes, prevendo um lugar negativo para todos aqueles que não adotam a mesma visão de mundo. No lugar do enfeixamento afetivo no sentido de imaginar um espaço em que todos tenham um lugar de fala, ele concentra sua energia em direção a uma retórica de convencimento. Isto é, a forma como se dirige a seu pai, a fim de expressar o conteúdo de suas convicções, revela um arsenal de técnicas, para induzir seus interlocutores a segui-lo nessa visão de mundo. Os afetos não estão mais direcionados aos valores adotados no microcosmo da família. Nesse novo contexto, eles se encontram direcionados para a defesa desse projeto de identidade cultural.

## **Considerações finais**

---

<sup>5</sup> "Ali sounded as if he'd swallowed someone else's voice" (KUREISHI, 1997, p. 126).

<sup>6</sup> "Ali addressed his father fluently, as if Parvez were a rowdy crowd that had to be quelled and convinced. The Law of Islam would rule the world; the skin of the infidel would burn off again and again; the Jews and Christians would be routed. The West was a sink of hypocrites, adulterers, homosexuals, drug takers and prostitutes" (KUREISHI, 1997, p. 126).

O conto encena a reconfiguração dos horizontes de sentidos que envolvem os protagonistas. A atenção aumentada do pai, motivada pelo distanciamento do filho, possibilita o início de uma conversa e uma sequência de ações que explicitam onde cada um desses atores sociais se encontra nas coordenadas da interpretação de realidade. O deslocamento no plano dos valores implica uma alteração também no modo como eles concebem suas narrativas de identidade, o que, por sua vez, altera igualmente a malha de pertencimento, à qual se sentem afiliados. Nessa dinâmica de reposicionamento, os afetos têm um papel central, uma vez que gerem o investimento de atenção, de produção de sentido e a instauração de modos de pertencimento.

Diante do risco crescente de perda do filho para o pensamento fundamentalista, o pai está disposto a investir uma quantidade expressiva de capital afetivo, “se isso removeria o olhar implacável de seus olhos” (KUREISHI, 1997, p. 127)<sup>7</sup>, como ele expressa para a confidente Bettina. Nessa interseção, a figura paterna percebe que houve uma alteração de grande impacto no modo como o filho lida com suas emoções, reconhecendo na ausência da compaixão o risco maior para toda a configuração familiar, mas também para a concretização existencial do filho.

## Referências

BARBALET, J. M. **Emotion, Social Theory, and Social Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FLAM, Helena. **Soziologie der Emotionen**. Konstanz: UVK Verlagsgesellschaft; 2002.

HÜLSHOFF, Thomas. **Emotionen**. München/Basel: Ernst Reinhardt Verlag, 2006.

MATHIAS, DIONEI. **Neue alte Welt und altes neues Ich. Diffusion migrationsbedingter Identitätswürfe in veränderten kulturgeografischen Zusammenhängen**. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2011.

---

<sup>7</sup> “if that would dislodge the pitiless look from his eyes” (KUREISHI, 1997, p. 127).



**VOSS, Christiane. Narrative Emotionen: eine Untersuchung über Möglichkeiten und Grenzen philosophischer Emotionstheorien.** Berlin: de Gruyter, 2004.

*Recebido em: 06/06/2019*  
*Aprovado em: 03/07/2019*